**Título: A clinica gestáltica infanto juvenil**

**Rosana Zanella**

Resumo:

Escrever sobre adolescentes faz exercitar nossa criatividade, nossa

atualização enquanto terapeutas e também enquanto educadores. Requer

atualização do próprio mundo, além de exercitarmos nosso ajustamento

criativo. Relembrar nossa adolescência é revisitar uma fase de nossa vida

permeada por descobertas, rebeldia, acomodações, sonhos possíveis e

impossíveis, ousadia e angústias. A adolescência é uma fase de reencontro

com o eu, de atualização corporal, de descobertas, de escolhas, de

frustrações, de surpresas, de sexualidade aflorada, de ousadia. Ser

adolescente implica ter novos conceitos, de preferência diferente dos pais. É

preciso ir contra para alterar e incorporar novos elementos em seu fundo.

Adolescência e pré-adolescência são etapas da vida muito aguardadas por

várias crianças. A chegada na adolescência implica um desejo de crescer, de

liberdade, de experimentar coisas “proibidas” para menores. O desejo de fazer

dezoito anos e poder dirigir sinaliza um marco, uma passagem. Para PHG

(1997, p. 113), o campo organismo/meio se modifica com o crescimento: os

adolescentes experimentam novos sentimentos e novos significados. “*Muitos*

*traços e atitudes das crianças deixam de ser importantes; e há traços adultos*

*que são novos, porque o aumento da força, do conhecimento, da fertilidade e*

*da habilidade técnica constitui de fato, progressivamente, um novo todo.”* É

esse novo *todo*, essa nova configuração que nos desafia enquanto terapeutas

e educadores. Atender adolescentes não é tarefa fácil. Na experiência clínica

os adolescentes chegam ao consultório mais por encaminhamento dos pais ou

da escola do que por iniciativa própria. Assim, nossa primeira tarefa como

psicoterapeutas que é o estabelecimento de vínculo, torna-se tão primordial

quanto marcar as sessões. A chegada do adolescente implica uma prédisposição

para aceitá-lo em suas dúvidas, angústias, esperanças, defesas e

raiva. Adolescentes às vezes preferem entrar sozinhos na sessão, sem a

companhia dos pais. Outros preferem que eles entrem junto deles na primeira

vez. Alguns são bastante reticentes em contar porque vieram. Outros já

chegam com maior abertura porque estão em busca de ajuda. Se no

atendimento com crianças utilizamos recursos lúdicos, as sessões com

adolescentes também pode requerer algumas estratégias que podem se diferir

do atendimento de crianças e do atendimento com adultos. Utilizamos técnicas,

mas sempre com base na relação dialógica. Como nos diz Oaklander (2006 pg

114): *“Para que uma sessão seja produtiva, o adolescente e o terapeuta devem*

*estar em contato, plenamente presentes”.* Ou seja, é a **atitude presença** do

psicoterapeuta que surge na sessão, aceitando e confirmando a pessoa em

seu potencial (Yontef, 1998).

REFERÊNCIAS

OAKLANDER, V. (2006) El Tesoro Escondido. Santiago de Chile, Editorial

Cuatro Vientos.

PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN (1997). Gestalt-terapia. São Paulo,

Summus.

YONTEF, G.M. (1998) Processo, Diálogo e Awareness – ensaios em Gestaltterapia.

São Paulo, Summus

Palavra 1: adolescência

Palavra 2: gestalt-terapia

Palavra 3: recursos terapêuticos

Modalidade de apresentação: Mesa redonda